

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 26/05/2019.

**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP**

CARLOS ELISIO NASCIMENTO DA SILVA

Questões de ritmo no ensino de inglês para aprendizes  
brasileiros: estudo da duração



CARLOS ELISIO NASCIMENTO DA SILVA

## Questões de ritmo no ensino de inglês para aprendizes brasileiros: estudo da duração

Dissertação apresentada ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfosintática, Semântica e Pragmática.**

**Orientadora: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari**

**Bolsa: Capes**

ARARAQUARA – S.P.

2017

Silva, Carlos Elisio Nascimento

Questões de ritmo no ensino de inglês para aprendizes brasileiros: estudo da duração / Carlos Elisio Nascimento da Silva — 2017

99 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

1. Prosódia. 2. Fonologia. 3. Ensino de Inglês. 4. Pés Fonéticos. 5. Duração da Sílab. I. Título.

CARLOS ELISIO NASCIMENTO DA SILVA

## Questões de ritmo no ensino de inglês para aprendizes brasileiros: estudo da duração

Dissertação apresentada ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.**

**Orientadora: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari**

**Bolsa: Capes**

Data da defesa: 26/05/2017

### MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

**Presidente e Orientador:** Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari  
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Unesp.

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Maíra Sueco Maegava Córdula  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM.

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Ana Cristina Biondo Salomão  
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Unesp.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me ajudaram em toda a minha formação, meus pais, professores e alunos, proporcionando os resultados gerados hoje. Em especial, agradeço aos docentes Profa. Dra Gladis Massini-Cagliari, minha orientadora, e ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, por terem me mostrado como a Fonética e a Fonologia são ciências que podem gerar frutos valiosos no ensino de línguas, possibilitando uma melhora significativa dos resultados em sala de aula.

Agradeço também às Profas. Dras. Ana Cristina Biondo Salomão e Egisvanda Isys de Almeida Sandes, por terem sido solícitas e me ajudado imensamente com seus apontamentos e correções.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar este trabalho, o que me proporcionou dedicação exclusiva à pesquisa.

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o que ocorre em relação ao ritmo do inglês americano quando um aprendiz brasileiro de inglês como segunda língua lê enunciados nesse idioma. Para tanto, a duração é isolada e medida. Para saber como a duração afeta o ritmo, uma gravação de um falante nativo de Inglês Americano é analisada, com as orações provenientes desse áudio sendo divididas em pés rítmicos dentro do modelo proposto por Abercrombie (1965). A partir daí, cada sílaba é medida e as sílabas átonas são comparadas proporcionalmente em relação ao contraste de duração com as sílabas tônicas do mesmo pé. O mesmo então é feito com três gravações em ambientes distintos de cinco informantes brasileiros aprendizes de Inglês. O resultado desta pesquisa mostra que é possível comparar as sílabas dessa maneira, deixando evidente como as sílabas átonas se comportam em relação às sílabas tônicas sem a interferência da velocidade de fala. Além disso, a pesquisa também apresenta um modelo de estudo que pode ser empregado por professores de Inglês com o intuito de se investigar o desenvolvimento da pronúncia de seus alunos.

**Palavras – chave:** Prosódia. Fonologia. Ensino de inglês. Pés fonéticos. Duração da sílaba.

## **ABSTRACT**

This research aims at analyzing how English rhythm behaves when a Brazilian learning English as Second Language reads sentences in English. In order to do this, duration is isolated and measured. To understand how duration affects rhythm, a recording from an English native speaker is analyzed, dividing the sentences from this recording in rhythmic feet following the feet model proposed by Abercrombie (1965). From this, each syllable is measured and unstressed syllables are compared proportionally in relation to stressed syllables from the same foot. The same is done with three recordings in different environments from five informers, who are Brazilian students learning English as a Second Language. The result from this research shows that comparing syllable through this method is possible, highlighting how unstressed syllables behave in relation to stressed syllables without interference from speech tempo. Also, this research presents a study model which can be employed by English teachers wishing to investigate their students' pronunciation development.

**Keywords:** Prosody. Phonology. English teaching. Phonetic feet. Syllable duration.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Página 31 do livro <i>American Headway</i> , contendo um dos exercícios que envolvem pronúncia.	43
<b>Figura 2</b>	Página 49 do livro <i>American Headway</i> contendo exercícios que envolvem gramática.	44
<b>Figura 3</b>	Página 57 do livro <i>American Headway</i> contendo um dos exercícios que envolvem gramática.	45
<b>Figura 4</b>	Página 118 do livro <i>American Headway</i> contendo uma das explicações expandidas sobre gramática.	46
<b>Figura 5</b>	Página 91 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios textuais.	47
<b>Figura 6</b>	Página 98 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios textuais.	48
<b>Figura 7</b>	Página 7 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios de pronúncia.	51
<b>Figura 8</b>	Página 15 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios de pronúncia.	52
<b>Figura 9</b>	Página 23 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios de pronúncia.	53
<b>Figura 10</b>	Página 31 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios de pronúncia.	54
<b>Figura 11</b>	Página 39 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios de pronúncia	55
<b>Figura 12</b>	Página 47 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios de pronúncia.	56
<b>Figura 13</b>	Página 61 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios de pronúncia.	56
<b>Figura 14</b>	Página 69 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos exercícios de pronúncia.	57
<b>Figura 15</b>	Página 77 do livro <i>American Headway</i> , apresentando um dos	58

exercícios de pronúncia.

<b>Figura 16</b>	Demonstração de uma forma de onda, espectrograma com formantes (pontos em vermelho), altura melódica (linha azul) e intensidade (linha amarela), e da segmentação em camadas, tendo as divisórias de sílabas e palavras.	61
<b>Figura 17</b>	Forma de onda e espectrograma do pé formado pela palavra <i>Lisa</i>	71
<b>Figura 18</b>	Forma de onda e espectrograma do pé formado pelas palavras <i>Parsons is.</i>	73
<b>Figura 19</b>	Forma de onda e espectrograma do pé formado pelas palavras <i>Thirty two.</i>	75
<b>Figura 20</b>	Forma de onda e espectrograma do pé formado pelas palavras <i>Years old and.</i>	76
<b>Figura 21</b>	Forma de onda e espectrograma do pé formado pelas sílabas <i>lives in Man.</i>	77
<b>Figura 22</b>	Forma de onda e espectrograma do pé formado pelas sílabas <i>hattan.</i>	79

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Durações comparadas das sílabas da oração “ <i>Lisa Parsons is thirty-two years old</i> ” em quatro gravações.	67
------------------	--	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Exemplo de organização das tabelas de duração.	62
<b>Tabela 2</b>	Duração em milissegundos de uma oração do áudio original em inglês.	62
<b>Tabela 3</b>	Durações em milissegundos e proporções das sílabas “ <i>stays</i> ” e “ <i>at</i> ”.	81
<b>Tabela 4</b>	Durações e proporções das sílabas “ <i>stays</i> ” e “ <i>at</i> ”.	82

## LISTA DE ABREVIACÕES E SÍMBOLOS

AC	Abordagem Comunicativa	21
AG	Abordagem Gramatical	20
C	Consoante	31
/	Início de pé	64
//	Juntura do grupo tonal	64
#	Pausa	64
%	Proporção de variação em relação a uma sílaba átona e a sílaba tônica no mesmo pé	65
$\sigma$	Sílaba	29
-	Sílaba átona (modelo proposto por Abercrombie)	64
.	Sílaba átona (tabelas de duração do Apêndice)	86
0	Sílaba tônica (modelo proposto por Abercrombie)	65
o	Sílaba tônica (tabelas de duração do Apêndice)	65
V	Vogal	31

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>7</b>
<b>LISTA DE FIGURAS</b>	<b>8</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE TABELAS</b>	<b>11</b>
<b>LISTA DE ABREVIACÕES E SÍMBOLOS</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1. Subsídios Teóricos</b>	<b>20</b>
<b>1.1 Métodos e Metodologias de Ensino de Línguas</b>	<b>20</b>
<b>1.1.1 Gramática e Tradução</b>	<b>22</b>
<b>1.1.2 Método Direto</b>	<b>23</b>
<b>1.1.3 Método Audiolingual</b>	<b>23</b>
<b>1.1.4 Método Comunicativo</b>	<b>24</b>
<b>1.1.5 Métodos e o ensino de pronúncia</b>	<b>24</b>
<b>1.2 Elementos rítmicos: Sílabas e Ritmo</b>	<b>28</b>
<b>1.2.1 Sílabas</b>	<b>28</b>
<b>1.2.2 Ritmo</b>	<b>35</b>
<b>1.3 Considerações finais</b>	<b>37</b>
<b>2. Procedimentos Metodológicos</b>	<b>38</b>

<b>2.1 Apresentação dos exercícios de pronúncia do primeiro livro da série</b> <i>American Headway</i>	<b>40</b>
<b>2.2 Aceitação no Comitê de Ética</b>	<b>59</b>
<b>2.3 Procedimentos de gravação e coleta de dados</b>	<b>59</b>
<b>2.4 Considerações finais</b>	<b>63</b>
<b>3 Análise de dados</b>	<b>64</b>
<b>3.1 Análise de duração em valores absolutos</b>	<b>64</b>
<b>3.2 Análise de duração na perspectiva dos pés rítmicos</b>	<b>61</b>
<b>3.3 Análise da duração para fins de ensino</b>	<b>73</b>
<b>3.4 Considerações finais</b>	<b>82</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE – Neste apêndice serão apresentadas as tabelas com as durações de cada sílaba contendo a divisão em pés.</b>	<b>90</b>

## INTRODUÇÃO

Com a preocupação de se propor uma análise de cunho fonológico que fosse útil para o desenvolvimento do ensino de inglês como língua estrangeira, a presente pesquisa passou por um momento de reflexão em que, ao pensarmos a sala de aula, queríamos definir qual aspecto linguístico e qual linha teórica seriam os mais adequados para dar uma contribuição para o ensino.

Um aspecto importante ao se aprender uma língua estrangeira é a fala, pois queremos que o aluno possa se comunicar com a menor quantidade de ruído possível, ou seja, de forma clara, a fim de que outras pessoas o entendam sem dificuldade. Assim, a fonologia se torna um ótimo ponto de partida por ser uma área da linguística preocupada em entender como os sons da fala são compreendidos, proporcionando abordagens, materiais e textos diversos que podem ser adotados tanto por alunos quanto por professores para entender de forma prática, voltada para o ensino e aprendizado, a natureza dos sons e a compreensão de uma língua falada.

Dentro dessa área, precisamos decidir exatamente qual seria o domínio a ser analisado. Para dar de fato uma contribuição aos materiais de ensino, concluímos que a prosódia seria um campo bastante produtivo. Esse campo é a área da linguística que analisa questões como o ritmo, a entoação e os aspectos acústicos que envolvem a fala, como duração, intensidade, frequência, etc. (ABERCROMBIE, 1965; COUPER-KUHLEN, 1986; SCARPA, 1999; CAGLIARI, 2007; MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2001; MASSINI-CAGLIARI, 2005, 2015). Por exemplo, quando consideramos que a fala de uma pessoa soa “estranha”, “cantada” ou “arrastada”, estamos na verdade percebendo que existem características prosódicas diferentes da nossa própria fala e por isso acabamos descrevendo essas diferenças da melhor forma que conseguimos. Pode ser que essa fala seja mais rápida ou mais lenta que a nossa, quando, por exemplo, concluímos que ela é “arrastada”. Pode ser que ela tenha momentos de entoação diferente da que estamos acostumados com nossa própria fala, sendo interpretada como “cantada”. Ou seja, alguma característica fundamental do som é diferente, e, notando a diferença, queremos dar explicações sobre ela que demonstrem algum sentimento que tivemos ao ouvi-la. Às vezes, as diferenças podem fazer com que não sejamos capazes de compreender com tranquilidade o que a pessoa disse e é nas causas desse tipo de problema que o presente estudo se pauta.



Ao fazer um levantamento de materiais de apoio para aula de inglês como língua estrangeira, notamos que o ritmo é um campo deixado de lado, muitas vezes sendo abordado apenas como um adendo às lições, isso quando chega a ser mencionado. Nesta pesquisa, discutimos o tempo dedicado ao ensino vinculado com noções prosódicas. O material analisado, *American Headway* (SOARS; SOARS, 2009), possibilita concluir que apenas 1% das horas disponíveis de um curso de inglês acabam sendo destinadas para esse fim.

Como o estudo da prosódia tem como um de seus objetivos descrever o ritmo das línguas, o fato de essa dimensão sonora não estar representada de forma aprofundada em materiais didáticos demonstra uma lacuna que deve ser preenchida, afinal, como podemos pensar em fala, sem que o padrão rítmico da língua alvo esteja suficientemente incorporado pelo aluno? Esperamos que o aluno adquira confiança e independência para realizar as atividades que o levaram a procurar o estudo de uma língua estrangeira: viajar, apresentar seu trabalho tanto em ambientes acadêmicos quanto empresariais, manter a conversação com nativos no seu dia-a-dia e, inclusive, com não-nativos que também aprenderam inglês para se comunicar em um contexto global. Para tanto, é necessário que o padrão rítmico da língua estrangeira esteja ao menos minimamente internalizado, tanto para que o aluno consiga compreender a fala dos falantes da língua em velocidade natural, quanto para que a fala do próprio aluno soe compreensível aos demais.

Assim, a fim de se investigar como o ritmo da fala de brasileiros se realiza ao falarem uma língua estrangeira, escolhemos como padrão de comparação o Inglês Americano utilizado nos níveis iniciantes de materiais didáticos, em que traços de variantes regionais não são reforçados e a fala é mais lenta. Esse modelo é amplamente utilizado por livros didáticos, como o escolhido para a presente pesquisa. Devido à grande adesão, aprendizes de inglês como segunda língua de outros países, além do Brasil, também utilizam esse modelo como língua alvo em seu processo de ensino-aprendizado. Isso torna interessante o seu uso como base de estudos, uma vez que, dessa forma, o aprendiz pode ter a possibilidade de se comunicar não apenas com nativos, mas com outros povos que aprenderam a língua tal como ele.

Para obter os dados desta pesquisa, os alunos de uma escola particular onde o autor leciona na cidade de Leme, interior de São Paulo, foram gravados conforme liam um texto do livro didático *American Headway* (SOARS; SOARS, 2009). Esses alunos são pessoas que nasceram e cresceram nessa região do interior de São Paulo e foram escolhidos entre os

iniciantes, pois o intuito da pesquisa é apresentar exatamente o que ocorre em relação à variação da duração de sílabas de falantes de Português ao pronunciarem enunciados em Inglês no início de seus estudos, obtendo assim uma noção de quanto esforço será necessário para o desenvolvimento desses alunos em direção à realização do ritmo do inglês.

Ao se observar os padrões rítmicos referentes aos intervalos de duração entre sílabas tônicas e sílabas átonas à luz do modelo proposto de pés rítmicos por Abercrombie (1965), investigamos como os processos de variação de duração silábica interferem na produção da fala desses alunos.

A partir dessas análises, pode ser proposta uma ferramenta para problemas que vão desde um tempo muito longo para terminar o curso, chegando a seis anos ou mais, até as dificuldades que não são resolvidas mesmo depois de todo esse tempo, gerando situações em que o aprendiz não consegue entender outro indivíduo falando Inglês ou não consegue se fazer entender, apesar de anos e muito dinheiro investidos em cursos que prometem proficiência ou fluência.

Dessa forma, o desenvolvimento da fala nos cursos de idiomas ainda fica em segundo plano na prática, apesar de haver uma propaganda pesada na TV, na internet e em todos os meios de comunicação, que tenta induzir os alunos a contratarem cursos que focam na “conversação”, mas sem que de fato encarem a pronúncia da língua como elemento essencial no desenvolvimento dos alunos desde o início do curso. Para exemplificar esse fato, o livro didático *American Headway* (SOARS; SOARS, 2009) terá o seu primeiro volume analisado em relação ao que se dispõe a oferecer sobre ensino de pronúncia. A escolha recaiu sobre esse livro porque ele é o material utilizado na escola na qual a pesquisa foi desenvolvida.

Devido a isso, pensa-se que mais esforços são essenciais para que o desenvolvimento da pronúncia se faça valer como aspecto importante do ensino de línguas. Pensando nessas dificuldades, a fonologia e a fonética entram como fundamentos básicos sobre os quais trabalhos didáticos podem ser feitos para dissipar as dificuldades dos alunos. Partindo do mesmo pressuposto abordado por Bolella (2002), Martins (2011) e Souza (2012), explorar aspectos fonéticos e fonológicos comparando o Português Brasileiro e uma variedade de Inglês propicia criar técnicas e agregar dados aos *corpora* que buscam melhorar a qualidade de ensino.

Do ponto de vista científico, este trabalho proporciona uma análise de como a duração interfere no desenvolvimento do ritmo quando a língua em questão não é a materna do informante. Além disso, descrevem-se também noções fonológicas sobre a redução ou a

dilatação da duração das sílabas, que podem interferir no processo de construção do ritmo na passagem de uma língua à outra. A importância desta análise se dá diretamente pelas questões que envolvem o ensino: quanto mais técnicas precisas e bem elaboradas o campo possuir, mais eficientes serão os métodos que poderão desfrutar dessas técnicas e, com isso, os professores passam a ter mais ferramentas e recursos para o ensino de pronúncia.

Este trabalho levanta dados que descrevem os processos de variação de duração dentro da estrutura silábica do Inglês Americano, considerando uma variante mais lenta e criada para fins de ensino da língua em nível iniciante. Esse levantamento de dados traz mais informações para professores e pesquisadores interessados no ensino de Inglês como língua estrangeira e investiga como os processos estudados afetam os enunciados em Inglês quando produzidos por falantes que tem o Português Brasileiro do interior do estado de São Paulo como língua materna.

Por fim, descrevemos quais relações podem ser estabelecidas no que tange aos aspectos fonológicos das duas línguas em relação à duração das sílabas, gerando um modelo de análise que possa ser empregado por professores de inglês para brasileiros para melhor compreender o desenvolvimento da fala de seus alunos.

As seções deste trabalho abrangem inicialmente os subsídios teóricos, em que discutimos as abordagens pedagógicas e como os métodos que derivam delas abordam o ensino da pronúncia de inglês como língua estrangeira. Nessa mesma seção, a discussão perpassa a sílaba, como constituinte do ritmo, e encerramos com reflexões acerca do ritmo do Português Brasileiro e do Inglês Americano.

Na Metodologia, apresentamos como a coleta de dados foi feita e que princípios regem a análise desses dados. Além disso, discutimos como o livro didático *American Headway* (SOARS; SOARS, 2009) trata o ensino de pronúncia. Demonstramos nessa seção como o modelo de pés de Abercrombie (1965) pode ser aplicado e a partir dele como medir as sílabas utilizando o *software Praat*.

Por fim, nossos resultados apontam que é possível comparar as durações de sílabas de um mesmo pé e obter valores proporcionais, que não recebem interferência da velocidade de fala, e assim demonstrar o quanto a fala de um brasileiro aprendendo Inglês varia quando comparada com a de um nativo em Inglês Americano. Além disso, a técnica desenvolvida nesta pesquisa pode ser aplicada em contextos de ensino de língua, sendo possível utilizar o método de gravação e a análise de durações para observar como a pronúncia do aluno está se desenvolvendo e

apontar indícios sobre o que poderia ser trabalhado em sala de aula para o melhor desenvolvimento da pronúncia.

## CONCLUSÃO

Para dar início à conclusão é fundamental discutir de onde partiram as motivações da pesquisa. Em minhas aulas, notei que os alunos tinham dificuldades tanto para compreender a língua inglesa sendo falada tanto quanto para produzir enunciados de forma natural. Com essas constatações, deduzi que grande parte dessa dificuldade poderia estar ligada a algum aspecto fonológico da língua inglesa.

Para entender melhor sobre o assunto, busquei, por meio da literatura da área, me aprofundar no estudo da prosódia, acreditando que este seria um dos campos que traria resultados esperados para resolver essa situação. Assim, a tese de Bolella (2012) auxiliou na busca por respostas do porquê dessas dificuldades apresentadas pelos alunos e como resolvê-las. Em seu trabalho, a autora, além de um aprofundamento teórico, propõe um método que tem como objetivo melhorar a compreensão rítmica dos alunos e, por consequência, uma melhora em todos os aspectos que envolvem fala e audição. Com isso, inspirado no método utilizado pela autora, comecei a testar com meus alunos uma adaptação dos exercícios, em que eles tinham que imitar um áudio produzido por um falante de inglês como língua materna.

Como esse áudio encontrava-se no material utilizado na escola, notamos que seria possível adaptar qualquer outro áudio do livro para essa técnica, ensejando uma expansão da aplicabilidade de qualquer outro exercício que envolva áudio, sem que para isso fosse necessário abandonar completamente a metodologia empregada pelo livro.

Dessa forma, a motivação maior para este trabalho de mestrado foi entender, dentro de um viés teórico e prático, como o desenvolvimento dos alunos se dava. Para isso, com a base teórica fundamentada na prosódia, a metodologia proposta focou em observar especificamente três ambientes distintos para saber o quanto as práticas de repetição pela imitação trariam resultados.

Conforme seguimos a metodologia proposta nesta pesquisa, com as fases da coleta de dados expondo diferentes momentos para a percepção do aluno, proporcionamos a possibilidade de se desenvolver reflexões quanto ao ritmo. Ao trabalhar essas reflexões, de forma a oferecer mais recursos para a compreensão auditiva, a metodologia em si passa a ser uma ferramenta para o ensino de pronúncia.

A partir desse ponto, era necessário definir uma variável básica que viabilizasse a mensuração dos dados e a análise dos resultados. Como o estudo se pauta na prosódia, o ritmo

linguístico é um bom ponto de partida. Se falamos de ritmo, então podemos pensar em pés rítmicos e em sílabas. E, ao chegarmos a essas duas unidades, uma mensuração quantificável se torna possível, pois informações como duração, formantes e intensidade podem ser colhidas e analisadas em *softwares* como o *Praat*.

O modelo para análise de pés rítmicos escolhido foi o proposto por Abercrombie (1965, 1967). Esse modelo isola com clareza os pés e permite estabelecer a sílaba tônica como a cabeça do pé, enquanto que as sílabas átonas seguem como subordinadas a ela. Uma vez que as sílabas tônicas marcam o ritmo acentual, a duração apresentada por elas surge como uma informação importante que pode ser colhida e medida. Caso a fala de um indivíduo seja mais rápida ou mais lenta, as sílabas tônicas e átonas mostrariam que suas durações permanecem proporcionais umas às outras. Logo, a velocidade de fala do aluno pouco importa, desde que ele seja capaz de perceber o contraste entre as durações e seja capaz de marcá-la na velocidade de fala que considerar mais confortável ou apropriada na produção de seus enunciados.

Como tínhamos em mente essa noção de contraste, pedimos que os alunos gravassem o mesmo áudio três vezes, no intuito de percebermos as variações de proporção entre durações em cada gravação e se elas se alinhavam com maior semelhança às proporções apresentadas pelo áudio de um falante nativo ou se permaneciam como as apresentadas na primeira gravação feita por cada informante – sendo que, nesse primeiro momento, tudo que lhes tinha sido apresentado era um texto escrito, sem qualquer indicação sobre como ele deveria ser lido.

Na seção 3.3, mostramos que, de fato, é possível medir as proporções de durações que marcariam um contraste como a de um falante nativo.

O modelo de análise de pés aqui apresentado pode ser útil pra outros professores, como forma de avaliar com mais precisão se os problemas de pronúncia e audição estão relacionados à questão de durações de sílabas e contraste entre átonas e tônicas. Utilizando as técnicas expostas, um professor pode gravar seus alunos a qualquer momento e observar como o contraste entre durações se desenvolve na fala de cada um deles. Ao estabelecer períodos em que novas gravações serão feitas, como a cada semestre ou ano, é possível, inclusive, analisar longitudinalmente como o desenvolvimento da pronúncia desses alunos evolui.

Assim, concluímos que há espaço para novas perspectivas no futuro no que diz respeito a esta pesquisa. A metodologia empregada pode ser usada para avaliar como o mesmo processo de análise de duração se desenvolveria com alunos intermediários e avançados. Da mesma forma,

como sugerido nessa última seção, até mesmo um estudo longitudinal é possível. Com ele, seria possível observar com cuidado, e dentro de um percurso bem mais longo, como dados referentes à prosódia de cada indivíduo se comportam conforme os alunos desenvolvem os estágios de aprendizado de Inglês como língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, D. *Studies in phonetics and linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
- ANTHONY, E. M. Approach, method and technique. *English Language Teaching*, nº 17, 1963, p.63-57.
- BARBOSA, P. A. *Syllable timing in Brazilian Portuguese: uma crítica a Roy Major*. D.E.L.T.A. Vol. 16, N.º 2, 2000. p. 369-402.
- BARBOSA, P. A. *Incursões em torno do Ritmo da Fala*. Campinas: Pontes Editores, 2006. v. 1.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: Doing phonetics by computer*. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Acesso em: 1 de junho de 2016.
- BOLELLA, M. F. F. P. *Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara/SP: UNESP, 2012.
- BROWN, H. D. *Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy*. White Plains, New York: Longman/ Pearson Education, 2001.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. 1981. Tese (Livre Docência em Lingüística) - UNICAMP, Campinas, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. São Paulo/SP: Paulistana, 2007.
- \_\_\_\_\_; ABAURRE, M. B. M. *Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro*. Cadernos de Estudos Linguísticos 10. Campinas/SP: UNICAMP/IEL, 1986.
- CAMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1970.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em Português. IN Bisol, Leda (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS. 2005 [1996].
- COUPER-KUHLEN, E. *An Introduction to English Prosody*. Londres e Tuebingen: Edward Arnold and Niemeyer, 1986.
- CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. CV Phonology: a generative theory of the syllable. *Linguistic Inquiry Monograph*, Cambridge, Mass.: MIT Press, n. 9, 1983.



- FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. *Contar (histórias de) sílabas: descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa, Portugal: Colibri, Associação Portuguesa de Lingüística (APL), 2001.
- FROTA, S., VIGÁRIO, M & MARTINS, F. Discriminação entre línguas: evidências para classes rítmicas. In *Actas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa: APL. 2001, p. 189-200.
- FUDGE, E. Syllables. *Journal of Linguistics*, Cambridge, UK, n.5, 1969, p. 254-287.
- GILBERT, J. B. *Teaching Pronunciation Using the Prosody Pyramid*. New York: Cambridge University Press, 2008.
- GODOY, S., GONTOW, C., MARCELINO, M. *English pronunciation for Brazilians: the sounds of American English*. Barueri/SP: Disal, 2006.
- HARRIS, J. *Syllable Structure and Stress in Spanish*. A non linear analysis. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1983.
- HOGG, R.; McCULLY, C. B. *Metrical Phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, UK, 1991 [1987].
- HOOPER, J. *An introduction to natural generative phonology*. New York, Academic Press, 1976.
- HYMAN, L. M. *A Theory of Phonological Weight*. Dordrecht: Foris, 1985.
- ITÔ, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – University of Massachusetts, 1986.
- KAHN, D. *Syllble-based generalisations in English Phonology*. 1976. Tese (Phd). Cambridge, MA: MIT, 1976.
- LIU, Q.; SHI, J. An Analysis of Language Teaching Approaches and Methods - Effectiveness and Weakness. In: *US-China Education Review*, Volume 4, Nº 1, Jan, 2007, p 69-71.
- MAJOR, R. C. *Stress-timing in Brazilian Portuguese*. *Journal of Phonetics*. V. 9, nº3, 1981, p. 343-352.
- MAJOR, R. C. *Stress and Rhythm in Brazilian Portuguese*. *Language* 61(2), 1985, p. 259-282.
- MARTINS, M. J. *Estudo acústico da pronúncia de pares mínimos vocálicos do inglês por falantes nativos, professores brasileiros e alunos de nível intermediário e avançado*. Dissertação de Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa, Araraquara/SP: UNESP, 2011.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e Ritmo*. São Paulo/SP: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_., *A música da fala dos trovadores: Estudos de prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese de Livre-Docência, Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 2005.

\_\_\_\_\_., *A música da fala dos trovadores: desvendando a prosódia medieval*, Ed. UNESP, 2015.

\_\_\_\_\_., *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL (Coleção Letras), Laboratório Editorial UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

\_\_\_\_\_., CAGLIARI, L.C. Fonética. In: BENTES, A. C., MUSSALIM, F. *Introdução à Lingüística*. Domínios e Fronteiras 1, 2001. p. 113-156.

MARIS, A., SOARS, L., SOARS, J. *American Headway: teacher's book*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MATEUS, M. H. M.; D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MIGLIORINI, L. M. Q. *Estudo do ritmo do Português Brasileiro a partir da análise de processos fonológicos lexicais e pós-lexicais*. Dissertação de mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa, Araraquara/SP: UNESP, 2008.

MORAES, J. A., LEITE, Y. Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho. IN Ilari, Rodolfo (org.) *Gramática do Português Falado*. Volume II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 65-77.

PIKE, K. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The university of Michigan Press. 12<sup>a</sup> ed., 1947[1971]. P. 78-91.

PIKE, K.; PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. In *Internacional Journal of Applied Linguistics*, n.13, 1947.

RENAU, M. L. A Review of the Traditional and Current Language Teaching Methods. In: *International Journal of Innovation and Research in Educational Sciences*. Volume 3, Issue 2, 2016, p. 82-88.

SANTOS, M., ALMEIDA FILHO, J. C. P. Análise de Abordagem de Ensino de Língua no Limite. In: *Revista Siple*, n° 3. Disponível em: <[http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=215:6-analise-de-abordagem-de-ensino-de-lingua-no-limite&catid=62:edicao-3&Itemid=107](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=215:6-analise-de-abordagem-de-ensino-de-lingua-no-limite&catid=62:edicao-3&Itemid=107)>. Acesso em 10 de Janeiro de 2017.

SCARPA, E. M. (org.) *Estudos de prosódia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H. SMITH, V.D. *The structure of phonological representations (part III)*. Foris, Dordrecht, 1982. p. 337-383

SELKIRK, E. On the major class features and syllable theory. In: ARONOFF, M.; OEHRLE, R. *Language sound structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, p. 107-136, 1984.

SMALL, L. *A Review and Renovation of Language Teaching Methodology*. 2013, p. 39-48.

SOARS, L.; SOARS, J. *American Headway*, segunda edição. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SOUZA, M. O. P. A Fonética como Importante Componente Comunicativo para o Ensino de Língua Estrangeira. In: *Revista ProLíngua*, Volume 2, nº 1, Jan./Jun de 2009, p. 33 – 43.

SOUZA, M. O. P. *Produção e percepção das vogais e das fricativas /θ/ e /ð/ da língua inglesa por alunos de um curso de Letras*. Tese de doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa, Araraquara/SP: UNESP, 2012.

TRUBETZKOY, N. *Principios de Fonología*. Madrid: Cincel, 1970. 1ª edição: 1939.